

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	2
2 - PRESSUPOSTOS E PERCEPÇÕES	3
3 - O DESAFIO DE UMA COSMOVISÃO CRISTÃ EM UMA SOCIEDADE PLURALISTA	4
3.1. A QUESTÃO DO “DESAFIO”	4
3.2. O ABSOLUTO EM UMA SOCIEDADE ABSOLUTAMENTE ILUDIDA	6
4 - DEFENDENDO A VERDADE EM UM MUNDO RELATIVISTA	8
4.1. NADA PODEMOS CONTRA A VERDADE	8
4.2. ALGUNS VALORES CONTEMPORÂNEOS	8
4.3. ANTIDOGMATISMO	9
4.4. RELATIVISMO, SUBJETIVISMO, PRAGMATISMO E UTILITARISMO	11
4.5. PLURALISMO	16
5 - A VERDADE DO DEUS VERDADEIRO NUM MUNDO DE MENTIRAS	17
5.1. O ENSINO VERDADEIRO	17
5.2. A RECEPÇÃO E APEGO À VERDADE	18
5.3. DISCERNIMENTO NECESSÁRIO	19
6 - A VERDADE OBJETIVA DE DEUS	21
6.1. VERDADE REAL	21
6.2. VERDADE AUTORITATIVA	21
6.3. VERDADE QUE PERMANECE	21
6.4. VERDADE REVELADORA	22
6.5. VERDADE LIBERTADORA	23
7 - JESUS CRISTO, A PALAVRA ENCARNADA E O SEU PODER LIBERTADOR	26
7.1. LIBERDADE “DO”	26
7.2. LIBERDADE “PARA”	29
8 - A VERDADE COMO UM TODO UNIFICADO	30

1 - INTRODUÇÃO

Uma das questões difíceis de responder é: no que você crê?

A resposta a esta questão revelará uma série de pressupostos – conceitos implícitos em sua fala –, muitos dos quais talvez jamais tenham ocorrido, pelo menos de forma teórica, ao entrevistado. É possível que sem percebermos o nosso pensamento revele uma série de inconsistências e, até mesmo, excludências. O fato é que nossos conceitos, explícitos ou não, terminarão por se juntar a outros e, deste modo, sem consciência e mesmo consistência, vamos aos poucos formando uma maneira de ver o mundo e, conseqüentemente, de avaliá-lo. Esta percepção determinará de forma intensa o nosso comportamento na sociedade em que vivemos, tendo implicações em todas as esferas de nossa existência. “Uma cosmovisão contém as respostas de uma dada pessoa às questões principais da vida, quase todas com significativo conteúdo filosófico. É a infra-estrutura conceitual, padrões ou arranjos das crenças dessa pessoa” (NASH, 2008, p. 13).

Ainda que não pretendamos ser exaustivos, podemos, inspirando-nos em Nash (2008, p. 15ss), dizer que a nossa cosmovisão é constituída por um conjunto de crenças que estabelecem, essencialmente, a sua distinção de outras cosmovisões ainda que haja no cerne de cada cosmovisão diferenças importantes, porém, que não são excludentes.

Vejamos algumas dessas crenças:

A. Deus: Ainda que o nome de Deus nem sempre apareça em nossas discussões, a fé em Deus envolvendo, obviamente, o conceito que temos Dele é ponto capital em qualquer cosmovisão. Deus existe? Ele se confunde com a matéria? Há um só Deus? Ele age? É soberano? É um ser pessoal? As respostas que dermos a estas questões são cruciais para identificar a nossa cosmovisão.

B. Metafísica: A Metafísica trata da existência e da natureza e a qualidade daquilo que é conhecido. A nossa cosmovisão determinará um tipo de compreensão de questões tais como: Todos os homens têm a mesma essência? Todo evento deve ter uma causa? Há realidade além daquilo que podemos ver? Existe um mundo espiritual? Há um propósito para o universo? Qual a relação entre Deus e o universo?

C. Epistemologia: A Epistemologia é o estudo das questões relacionadas aos problemas filosóficos do conhecimento. O seu objetivo é conhecer, interpretar e descrever filosoficamente, os princípios essenciais que conduzem ao conhecimento científico ou, em outras palavras, estudar a origem e como se estrutura o conhecimento científico. A Epistemologia trata de questões tais como: Como conhecemos alguma coisa? É possível um conhecimento certo a respeito de alguma coisa? Os sentidos nos dão um conhecimento certo a respeito dos objetos sensíveis? Nossas percepções dos objetos sensíveis são idênticas a esses objetos? Qual a relação entre o intelecto e a matéria? Qual a relação entre a razão e a fé? Podemos conhecer algo sobre Deus? É o método científico o melhor método para o conhecimento?

D. Ética: A Ética filosófica analisa a vida virtuosa no seu valor último, e a propriedade de certas ações e estilos de vida. Ela se refere à conduta humana, às normas e princípios a que todo o homem deve ajustar seu comportamento nas relações com seus semelhantes e consigo mesmo. O filósofo moral não é apenas um cientista teórico envolvido em especulações abstratas, ele é alguém comprometido com a realidade, buscando soluções para os problemas práticos que nos cercam e que deram origem à pesquisa. A sua preocupação, também, não se limita à ação certa, mas, também, ao princípio que a justifica.

Perguntas comuns a esta disciplina: É justo falsificar a declaração de imposto de renda? O aborto é correto? E financiar instituições que em suas pesquisas contemplem a prática do aborto? É viável a pena de morte? A eutanásia? Há um padrão absoluto de moral ou ele é relativo à épocas, culturas e pessoas? A moralidade transcende ao lugar, época e cultura? Como distinguir o bem do mal?

E. Antropologia: O conceito que temos a respeito do homem revela aspectos de nossa cosmovisão. O ser humano é apenas matéria? De que forma a morte determina o fim de

nossa existência? Existe algum tipo de recompensa ou punição após a morte? A alma é imortal? O homem é um ser livre ou determinado por forças deterministas? Qual o propósito da vida?

F. História: Ela parte do princípio de que o homem é uma síntese entre o passado e o presente, tendo as suas decisões atuais em relação direta com as suas experiências pretéritas, daí algumas perguntas: O alvo da explicação histórica é predição, ou meramente entendimento?

Visto que escrever a história envolve seleção de material pelo historiador, um documento histórico pode ser considerado objetivo? A História é linear ou cíclica? Existe alguma finalidade, ou um padrão que confira sentido à História?

2 - PRESSUPOSTOS E PERCEPÇÕES

As nossas ênfases revelam não simplesmente os nossos pensamentos e valores como também, aspectos da realidade como os percebemos. A concatenação de nossas idéias e a estruturação de prioridades, dentro da fluidez histórica, assumem aspectos relativos. Deste modo, quando vemos um autor devemos entender também o seu tempo, a sua forma de pensar e os pontos que visavam destruir, consolidar ou mesmo transformar. Toda obra é, de certa forma, dialógica, explícita ou implicitamente. Cada época nos diz algo de seus atores e cada ator histórico nos fala direta ou indiretamente do cenário que o inspira, dentro do qual ele foi criado e, de certa forma, delimita a sua própria percepção da realidade.

Quando não percebemos estes aspectos, tendemos a ser extremamente rigorosos em nossos julgamentos ou facilmente somos conduzidos a cometer anacronismos injustificados. Isto se dá, especialmente, quando vemos autores de séculos anteriores ao nosso que, além da distância temporal, viveram em outro continente, com valores próprios, percepções delimitadas pela sua época, tendo que se deparar com desafios gigantescos alguns dos quais são quase que imperceptíveis em nossa época. Aí surge o nosso problema; é impossível ter todas as visões; a nossa, além de vários condicionantes, é feita a partir de nossa época, sob o feitiço de nossos valores e concepções, os quais por si só já produzem um préconhecimento.

O anacronismo condenatório é fácil de ser praticado e extremamente difícil de ser percebido por quem o exerce. Portanto, a consciência destas questões deve produzir em nós um salutar sentido de limitação e, portanto, de maior prudência em nossos juízos, reconhecendo que a nossa época, dentro da qual estamos inseridos e mais cativos do que imaginamos, tem as suas paixões e feitiços – plenamente justificados, diga-se de passagem, pelos seus cidadãos bem socializados –, assim como a de nossos personagens analisados. O que torna a nossa visão melhor do que a deles? Talvez seja a própria história que, constantemente, nos fornece um leque mais amplo e ilustrativo de fracassos da humanidade.

A nossa chave epistemológica é a Escritura, portanto, a nossa cosmovisão partindo de uma perspectiva assim, nos conduzirá, naturalmente, de volta a Deus. A Educação Cristã fundamentando-se nas Escrituras oferece-nos um escopo do que Deus deseja de nós e nos fala de qual o propósito de nossa existência em todas as suas esferas.

Os pressupostos se constituem na janela (quadro de referência) por meio da qual vejo a realidade; o difícil é identificar a nossa janela, ainda que sem ela nada enxerguemos. Assim, falar sobre a nossa cosmovisão, além de ser difícil verbalizá-la, é paradoxalmente desnecessário. Parece que há um pacto involuntário de silêncio o qual aponta para um suposto conhecimento comum: todos sabemos a nossa cosmovisão. Deste modo, só falamos, se falamos e quando falamos de nossa cosmovisão, é para os outros, os estranhos, não iniciados em nossa forma de pensar. Sire (2004, p. 21-22) resume bem isso: “Uma cosmovisão é composta de um conjunto de pressuposições básicas, mais ou menos consistentes umas com as outras, mais ou menos verdadeiras. Em geral, não costumam ser questionadas por nós mesmos, raramente ou nunca são mencionadas por nossos amigos, e são apenas lembradas quando somos desafiados por um estrangeiro de outro universo ideológico”.